

Que implicam as palavras *Das Heilige* ou “O Sagrado”?

**Reflexões interculturais lingüísticas, religioso-científicas
e teológicas por ocasião da tradução brasileira da
obra *Das Heilige* [*O Sagrado*] de Rudolf Otto.**

Hermann Brandt¹

Resumo: O artigo pretende oferecer o início de uma discussão da obra clássica de Rudolf Otto, que agora está disponível, pela primeira vez, numa tradução completa para o português. As palavras *Das Heilige*, respectivamente O Sagrado têm implicações particulares e diferentes. Isso é comprovado através das histórias dos termos e de suas etimologias. Se as diferentes histórias desses termos são devidamente percebidas, ocorre uma reflexão intercultural. Essa reflexão mostra, por exemplo, a influência cristã na terminologia das palavras *sanctus* e *sacer*, a etimologia de *Heiliges* como caso excepcional da terminologia alemã, e o fato que o uso (cotidiano) da linguagem pode romper as regras etimológicas. No fim, O Sagrado é interpretado como categoria (auto)crítica, o que acontece numa discussão de posições formuladas antes e depois da obra de Rudolf Otto (William James e Wolfgang Gantke).

Abstract: The article intends to offer the beginning of a discussion of the classical work of Rudolf Otto, which now is available, for the first time, in a complete translation in Portuguese. The words *Das Heilige*, respectively, *The Sacred*, have particular and different implications. This is proven through the histories of these terms and their etymologies. If the different histories of these terms are duly observed, there occurs an inter-cultural reflection. This reflection shows, for example, the Christian influence in the terminology of the words *sanctus* and *sacer*, the etymology of *Heiliges* as an exceptional case in German termi-

¹ Prof. Dr. Hermann Brandt, nasceu em 1940, em Münster, Alemanha. Em 1969, doutorou-se em Teologia pela Universidade de Göttingen (Teologia Sistemática). Atuou como catedrático de 1971 a 1977 na então Faculdade de Teologia em São Leopoldo. Retornou para a Alemanha, onde assumiu atividades pastorais e na Igreja Evangélico-Luterana Unida da Alemanha (VELKD). Em 1990, realizou sua habilitação à livre docência na Universidade de Hamburgo (Missiologia e Ciências da Religião e Ecumene). De 1992 a 2005, atuou como professor da Universidade de Erlangen, na cadeira de Missiologia e Ciências da Religião. Atualmente reside em Erlangen como emérito.

nology, and the fact that the daily use of language can break with etymological rules. Finally, The Sacred is interpreted as a (self-) critical category, which happens in a discussion of formulated positions before and after the work of Rudolf Otto (William James and Wolfgang Gantke).

Resumen: ¿Qué implicaciones tienen las palabras Das Heilige o Lo Sagrado? El artículo pretende ofrecer el inicio de una discusión acerca de la obra clásica de Rudolf Otto, que ahora se encuentra disponible, por primera vez, en una traducción completa para el portugués. Las palabras *Das Heilige*, respectivamente, Lo Sagrado tienen implicaciones particulares y diferentes. Eso es comprobado a través de las historias de los términos y sus etimologías. Si las diferentes historias de esos términos son debidamente percibidas, ocurre una reflexión intercultural. Tal reflexión muestra, por ejemplo, la influencia cristiana en la terminología de las palabras *sanctus* y *sacer*, la etimología de Heiliges como caso excepcional de la terminología alemana, y el hecho de que el uso (cotidiano) del lenguaje puede romper las reglas etimológicas. Al final, Lo Sagrado es interpretado como categoría (auto-)crítica, y se da en una discusión de posiciones formuladas antes y después de la obra de Rudolf Otto (William James y Wolfgang Gantke).

Palavras-chave: “O Sagrado”, “o santo”, uso da linguagem, Teologia, Ciências da Religião

Keywords: “The Sacred”, “the Holy”, use of language, Theology, Religious Studies

Palabra clave: “Lo Sagrado”, “Lo Santo”, uso del lenguaje, Teología, Ciencias de la Religión

Há pouco tempo foi publicada a primeira tradução completa para o português da obra clássica de Rudolf Otto, *Das Heilige: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*, traduzido por Walter Schlupp, Editora Sinodal, São Leopoldo, 2007. Na minha “Apresentação”, exaltei a importância dessa tradução e externei a esperança de que, a partir dela, se pudesse, agora, pela primeira vez, tomar conhecimento de toda a obra e discuti-la criticamente, ainda em tempo, antes de ela completar o seu 100º aniversário de lançamento². Com o presente artigo, pretendo oferecer uma modesta contribuição para esta discussão. A minha contribuição relaciona-se com a pergunta, aparentemente bem simples: que significam as palavras “*Das Heilige*”, respectivamente, o “Sagrado”? Evidenciar-se-á que essas palavras têm, cada qual, implicações particulares (e diferentes!). Isso ficará claro através da história do termo, a etimologia. Na verdade, para ser mais preciso, trata-se da história de vários termos, uma vez que os significados do germânico “*Heilig*” e do latino “Sagrado”, apesar de se entrecruzarem, não são, de forma nenhuma, idênticos. Através da percepção dessas diferentes histórias terminológicas – no plural – também pode tornar-se claro quais decisões prévias – sobre conteúdos relacionados com as Ciências da Religião e a Teologia – são tomadas quando se faz uso dos termos “*Das Heilige*” e “O Sagrado”. Em outras palavras: se as diferentes histórias dos termos “*heilig*” e “sagrado” são devidamente percebidas, ocorre uma reflexão intercultural. Apesar de toda a concordância existente entre os termos, “*Das Heilige*” significa, não obstante, ainda algo diferente do que “O Sagrado”. A partir daí é perfeitamente plausível que “O Sagrado” seja lido e compreendido diferentemente em Portugal e no Brasil do que “*Das Heilige*” em países de língua alemã.

Iniciemos com um fato simples, mas decisivo quanto ao seu conteúdo: emprega-se o artigo definido “*Das*”, respectivamente, “O”. No português não existe distinção entre o masculino e o neutro. A partir do alemão “*Das Heilige*”, contudo, fica claro, de antemão, que, no português, não se deve entender o “O” de forma pessoal, mas neutra. Só esse fato já proíbe que se equipare simplesmente o Sagrado com o Deus ou um Deus entendido de forma pessoal (masculina!). Essa versão neutra do Sagrado acarreta, assim, por si só, grandes conseqüências teológicas e religiosas.

2 Cf. a p. 9 da obra citada.

1 - O Santo ou O Sagrado? Uma consulta ao Aurélio

Existem duas palavras à disposição para a tradução portuguesa de *Das Heilige*: “O Santo” e “O Sagrado”. Por qual devemos optar? É indiferente, porque ambas possuem significado idêntico? Ou teria Walter Schlupp, o acima referido tradutor de *Das Heilige*, tomado uma opção consciente, não reproduzindo o título com “O Santo”, e sim, precisamente, com “O Sagrado”³? Em caso afirmativo, como se diferencia “O Santo” de “O Sagrado”? Para aqueles cristãos que ainda lembram da liturgia latina da Santa Ceia, com o tríplice “Santo” de Isaías 6 – que corresponde ao tríplice “*Heilig*” em alemão –, a tradução “O Santo”, em verdade, pareceria mais plausível.⁴ Examinemos, agora, mais atentamente essas questões.

Num primeiro momento, a impressão é que “Santo” e “Sagrado” são conceitos idênticos. De qualquer forma, o Pequeno Aurélio (faço uso da 11ª edição de 1969) explica uma palavra pela outra, sendo “santo” e “sagrado”, portanto, sinônimos. Isso, porém, não é tudo. Existem também várias nuances do significado:

O adjetivo “santo” é explicado de maneira que, inicialmente, é citado o “sagrado” como seu equivalente. A seguir, são oferecidas paráfrases, oriundas em sua maioria da piedade (popular) católica, como: “que vive na lei divina; bem-aventurado; puro; imaculado; inocente, venerável; profícuo; inviolável; eficaz”. Além disso, aponta-se para termos compostos, que se referem ao ano eclesiástico, à instituição e à liturgia da Igreja Católica: santos ou santas podem ser, portanto, o ano, o dia, a espécie, a família, o ofício, o óleo, o padre, a quinta-feira, o sacrifício (!), a sé, a semana, a sexta-feira, ou a Terra. E, por fim, são mencionados os “santos” (“indivíduo que morreu em estado de santidade ou que foi canonizado”), as imagens dos santos (“imagem desse indivíduo”) e – referindo-se ao emprego popular do termo – um “homem de grande autoridade ou de bondade extraordinária”.

Os significados que o Aurélio apresenta para o adjetivo “sagrado” distinguem-se dos citados anteriormente pelo fato de serem claramente mais breves e o equivalente “santo” aparecer somente bem no final. “Sagrado” é compreendido como: “respeitante aos ritos ou ao culto religioso; inviolável; profundamente venerável; puro; santo”.

3 No “Glossário” – muito útil e digno de mérito – que Schlupp antepôs à sua tradução, são apresentados os diferentes termos equivalentes de “*heilig*”, “*heiligen*” e “*Heiligkeit*” em português: sagrado, santo, sacro; santificar; santidade: OTTO, 2007, p. 27.

4 Cf. também a confissão cristã no “Espírito Santo”.

Dessa consulta ao Aurélio é possível concluir o seguinte: em primeiro lugar, chama a atenção que nem “O Santo” nem “O Sagrado” sejam entendidos como designação direta de Deus, do divino (o que se encontra frente a frente com o ser humano) ou, no sentido de Rudolf Otto, do transcendente, do “totalmente outro”, do numinoso. Eles designam, ao contrário, por assim dizer, somente os reflexos humanos, religiosos e católicos de uma experiência com Deus. Esta, no entanto, não é mencionada nem caracterizada como tal. Tendo em vista esse emprego de “Santo” e “Sagrado”, parece difícil traduzir para o contexto brasileiro a percepção de Otto sobre o “Sagrado”: o que é absolutamente diferente de “nós”. Não se encontram programados aqui, de antemão, mal-entendidos notórios, independentemente se “*Das Heilige*” for traduzido por “O Sagrado” ou “O Santo”?

Em segundo lugar, a diferente extensão dos dois verbetes reflete o fato de que, no Brasil, fala-se bem mais de Santas e Santos do que do Sagrado. Teria a opção pelo termo menos usado, “O Sagrado”, como tradução do título da obra de Otto, a intenção de evitar que o “*Heiliges*”, no sentido de Otto (portanto, como neutro), fosse confundido com a veneração popular das Santas e dos Santos canonizados e não canonizados?

Em terceiro lugar, o fato de “Santo” ser explicado pelo termo “Sagrado” e vice-versa confirma, no entanto, que ambos os conceitos podem ser empregados de forma sinônima. É o que transparece também na palavra “Sacrossanto”, sobre a qual é possível ler no Aurélio: “*Sagrado e santo; inviolável; reconhecido como sagrado*”.

Mesmo assim, ambos os conceitos apresentam, a despeito de sua proximidade atual e apesar de provirem da mesma raiz latina *sacer*⁵, histórias bem diferentes. É dessas histórias que trataremos a seguir.

2 - As raízes lingüísticas de “Santo” e “Sagrado”

Iniciemos com a palavra santo. Em sua raiz está o termo latino *sanctum*, que pode ser derivado do verbo *sancire* (*sancio, sanxi, sanctum*). Significa o ato de limitar, fechar e, dessa forma, diferenciar um determinado espaço e, posteriormente, também um determinado tempo. Nesse sentido, o *profanum* (aquilo que se encontra antes ou do lado de fora do espaço delimitado) é o antônimo de *sanctum*. *Sanctum* é o que se encontra

⁵ *Sacer, sacra, sacrum* de origem a: *sacrare, sacrificare, sancire* (particípio: *sanctum*), *sacramentum, sacerdos*.

religiosamente delimitado da realidade profana. É o que foi dedicado, sendo, por isso, intocável, inviolável. Uma violação e profanação é perigosa e é, portanto, punida, razão pela qual *sancire* também pode designar o castigo (sob certas condições, inclusive a morte). Os termos portugueses “sanção” e “sancionar” lembram esse aspecto originalmente “perigoso” da palavra *santum*. Digno de destaque é que o sentido primário de *sanctum* – um neutro – é de “algo” colocado sob a proteção dos deuses, que, por isso, possui poder próprio (um local, um templo, uma fonte, um rio). A princípio, o termo é entendido, portanto, como uma qualidade não-pessoal. A transposição para o sentido de honrado, virtuoso, limpo, inocente, referindo-se a pessoas, é secundária. E, justamente pelo fato de este significado secundário do latino *sanctum* caracterizar o atual entendimento popular de “Santo(s)” no Brasil (uma herança católico-romana!), é necessário que seja destacado o seu entendimento original, neutro e não-pessoal: algo separado do profano.

Vejamos agora as particularidades relacionadas com o “Sagrado”. Mesmo que, como referido, essa palavra seja empregada menos vezes no Brasil do que “Santo”, não obstante, encontra-se no título da “Bíblia Sagrada” traduzida por Almeida. Ainda que provenha da mesma raiz que “Santo”, “Sagrado” desenvolveu-se – por assim dizer – diferentemente. Citemos logo a principal diferença: o termo “santo” implica uma delimitação da esfera profana (cf. o dito acima sobre *sanscire*), em relação à qual o termo expressa o totalmente outro. O “Sagrado”, por outro lado, permanece, por assim dizer, imanente, ou seja, dentro da esfera religiosa, onde designa a pluralidade dos aspectos, sobretudo, naturalmente da religião romana. As palavras subjacentes a “Sagrado” são o adjetivo *sacer, sacra, sacrum* – tendo o neutro *sacrum* se emancipado como substantivo – e o verbo *sacrare*. O significado fundamental é sempre: consagrar algo à divindade ou, então, aquilo que é consagrado à divindade. Consagrados aos deuses – portanto *sacer, sacra, sacrum* – podem ser uma mata, o sangue sacrificial, um louro, o silêncio, um monte, uma estrada (*via sacra*), uma guerra (*bellum sacrum*). Na medida em que algo é dedicado à destruição para uma divindade subterrânea, o termo recebe os significados de “maldito, esconjurado, infeliz”, conservando, não obstante, o significado de “dedicado aos deuses”. Como substantivo, *sacrum* é empregado para designar os utensílios do templo, bem como oferendas, cânticos religiosos, festas, cerimônias e, de forma generalizada, a religião, o culto e o serviço prestado a Deus. O verbo *sacrare* designa o processo ativo da consagração ou dedicação, portanto, a dedicação dos famosos jogos a uma divindade ou também a elevação de uma pessoa à condição divina, ou seja, sua eternização e imortalização. Assim como o

adjetivo, também o verbo pode adquirir o significado de “amaldiçoar ou destinar à perdição”, por exemplo, quando a cabeça de um traidor é “dedicada” ao Deus Júpiter.

Eu perguntava no início: que implicações possui o fato de o título alemão do livro “*Das Heilige*” ter sido traduzido em português por “O Sagrado”? Esta pergunta não foi respondida até o momento, ainda que já nos tenha conduzido a perceber o emprego diferenciado dos conceitos “Santo” e “Sagrado”, apesar de possuírem originalmente a mesma raiz. É possível afirmar que os dois conceitos são o reflexo de toda a religião romana. Ainda abordaremos a pergunta em que medida também a palavra alemã “*heilig*” reflete, de forma análoga, a antiga religião germânica. Podemos antecipar que, diferentemente do latim e do português, não existem, na língua germânica, dois termos para (quase) a mesma coisa. Antes disso, porém, é necessário, pelo menos, dar atenção à história posterior dos termos latinos correspondentes a “Santo” e “Sagrado”. Houve alterações no sentido dessas palavras depois de o cristianismo ter lançado raízes no Império Romano?

3 - A história terminológica de *sanctus* e *sacer* sob influência cristã

Sob a influência do cristianismo, ocorreu uma importante diferenciação no emprego das duas palavras. Das extensas pesquisas da história terminológica e etimológica posso referir, aqui, apenas um resultado, que é importante para o nosso tema. Apesar de sagrado e santo provirem da mesma raiz latina, *sacer*, desenvolveu-se o seguinte uso terminológico: *sacer* (sagrado) passou a designar, agora, sob influência cristã, exclusivamente fenômenos exteriores ao cristianismo (“pagãos”), enquanto *sanctus* (santo) tornou-se uma autodesignação exclusivamente cristã. A Trindade, como se sabe, não foi designada sacra ou sagrada, mas precisamente santa ou santíssima. Da perspectiva cristã, *sanctus* (santo) designava o que era o próprio, *sacer* (sagrado), ao contrário, o que era o estranho! (Para não ser mal entendido: esta constatação refere-se à história terminológica antiga. Mais para o final deste artigo, faremos referência ao fato de que essa diferenciação deixou de ser mantida posteriormente.) Uma diferenciação análoga, aliás, também ocorreu na língua grega. Para a autodesignação cristã servia a palavra *hágios* (confira, por exemplo, a famosa *Hágia Sofia*). Para designar pessoas ou coisas pagãs era empregada, ao contrário, a palavra *hierós*, como no caso de *hierós gamos*: o casamento entre duas pessoas corresponde à “hierogamia” cósmica entre o céu e a terra ou entre Zeus e Hera, etc. O termo grego *hierós* “é empregado, desde que a

linguagem cristã conseguiu impor-se, com exclusividade para o *sacer* pagão, nunca para o *sanctus* cristão”.⁶

Antes de entrarmos, a seguir, na abordagem da palavra alemã “*Das Heilige*”, podemos constatar como resultado intermediário o seguinte: com a tradução portuguesa de *Das Heilige*, de Rudolf Otto, por “O Sagrado” (e, justamente, não por “O Santo”), o tradutor Walter Schlupp decidiu-se pelo conceito que – de uma perspectiva cristã (antiga) – era empregado para designar fenômenos religiosos não-cristãos. Nesse sentido, “O Sagrado” (e o correspondente “sacro”) é um indício de religião ou religiões “pagãs”.⁷ Ainda retornaremos à pergunta se e em que medida essa tradução corresponde às intenções de Rudolf Otto.

4 - A etimologia de “*Heiliges*”: um caso excepcional da terminologia alemã

Depois que o *sanctus* latino se firmou como autodesignação cristã (traduzindo o *qadoš* hebraico e o *hágios* grego), os missionários anglo-saxões empregavam, em sua tradução de *sanctus*, o termo *heilig*, oriundo de seu contexto germânico. Dessa forma, ocorreu uma influência lingüística recíproca: a palavra *heilig* ganhou, no decorrer dos tempos, adicionalmente significados essenciais do termo cristianizado *sanctus* e do seu campo semântico (cada vez mais em sua versão teológica e litúrgica católico-romana). Em contrapartida, a palavra *heilig* encerrava conteúdos específicos que, no atual discurso intercultural e interlingüístico, modificam (ou podem modificar) o significado clássico de *sanctus* ou, então, não são diretamente traduzíveis.

O *heilig* atual remonta a raízes aparentadas entre si, às quais eu agora só farei referência, sem correlacioná-las com os respectivos povos germânicos. Trata-se de raízes lingüísticas como *heilag*, *heilec*, *helag*, *helich*, *hailagr*, *hailag*, *hailags*. Decisivo é que todas essas palavras, das quais surgiu o atual *heilig*, possuem um sentido adicional, ausente no *sanctus* latino. Pois a mesma raiz dos mencionados adjetivos germânicos, à qual remonta o

6 Assim COLPE, C. Artigo *Heilig* (sprachlich). In: **Handbuch religionswissenschaftlicher Grundbegriffe**. Stuttgart, 1993. v. III, p. (74-80) 76. Cf. Também IDEM. Artigo *Das Heilige*. In: **Handbuch religionswissenschaftlicher Grundbegriffe**. Stuttgart, 1993. v. III, p. 80-99. Ambos os artigos oferecem informações sucintas, mas muito detalhadas sobre a complexa problemática do “Sagrado” e de seus equivalentes; cf., nas p. 76s, as minuciosas tabelas sobre os nexos e diferenças etimológicas.

7 A expressão “Santo Sacrifício”, citada no início do “Aurélio”, representa, por isso, uma cristianização do sacrifício pagão: o substantivo “sacrifício” é como que batizado com o adjetivo santo!

alemão *heilig*, é também a raiz da palavra alemã *heil*, que significa “inteiro, intacto, são, curado”. Hoje, as pessoas gostam de utilizar, tanto no alemão corrente quanto em prédicas cristãs, o trocadilho “*Heil – Heilung*” (“inteireza/ salvação – cura”), que expressa essa duplicidade de sentido. A inteireza ou “salvação” religiosa, transcendente, e a “cura” medicinal, imanente, são, dessa forma, proferidas de um fôlego só, e – do ponto de vista etimológico – com razão! Na verdade, atualmente não há consenso sobre se o significado original de *heilig* chegou a ter, em algum momento, um sentido religioso⁸. Certo é, porém, que o germânico *heilig* de forma alguma reproduz a religião germânica tão amplamente quanto a terminologia latina *sacer/sanctus* reflete a religião romana (veja acima).

É justamente nesse ponto que o alemão *heilig*, com seu duplo sentido, evidencia-se como um caso excepcional problemático, já que em outras línguas são empregadas palavras bem heterogêneas para ambos os significados. A seguir, oferecemos só uma pequena seleção (cito as formas verbais):

Idioma	Significado religioso	Significado profano/imanente
Grego	<i>hagiázein</i>	<i>akeisthai</i>
Latim	<i>sancire/sacrare</i>	<i>sanare/curare</i>
Sueco	<i>helga</i>	<i>lâka/kurera</i>
Francês	<i>sanctifier</i>	<i>remédier</i>
Italiano, espanhol, português	<i>san(c)tificar(e)</i>	<i>curar(e)/sanar/remediar</i>

Esses exemplos mostram como a esfera religiosa é separada claramente da profana apenas pelos conceitos empregados. Um jogo de palavras com *heilig* e *heil* é possível somente no alemão e no inglês (veja sobre isso abaixo).

⁸ Cf. a narração poética dos evangelhos na língua saxã antiga, surgida no início do século IX. O autor é anônimo e o título é: “*Heliand*”. Esta palavra era originalmente uma forma do participio presente do verbo *heilen* [“curar”]. Na língua alemã posterior transformou-se no título atual para Jesus, *Heiland* [“Salvador”], e serviu como tradução do latim *Salvator*. No próprio “*Heliand*”, há mais de mil anos, portanto, o nome de Jesus foi traduzido por *Heliand/Heiland*. A anunciação do anjo Gabriel a Maria (cf. Lc 1.31: “Eis que conceberás e darás à luz um filho, a quem chamarás pelo nome de Jesus”) recebe a seguinte forma: “[...] E tu deves dar à luz um filho / Do Rei dos Céus nas alturas. / Ele o nome *Heiland/ Usará* entre os povos [...]”. Veja GENZMER, F. (editor e tradutor). *Heliand*. Stuttgart, 1964. p. 24.

Nos séculos XVIII e XIX, o duplo significado de *heilig*, descrito acima, ganhou um sentido adicional. Em sua monumental obra *Deutsches Wörterbuch*, os irmãos Grimm dão testemunho de como, na Idade Moderna, a palavra *heilig* adquiriu um significado ainda mais abrangente. Este novo significado expressa – sem conotações cristãs – seriedade, nobreza e solenidade. Comprovações desse uso encontram-se nos poetas e filósofos clássicos, a exemplo de Goethe, Herder ou Kant (a lei moral é “sagrada”). Coisas, mentalidades, ocasionalmente também divindades não-cristãs são “sagradas”. Comum a esses empregos não-específicos é o elemento da intensidade, da ênfase. Essa intensidade, porém, permanece intramundana, como, p.ex., em “sentimento sagrado”.

Também aqui é notório que muitas expressões e combinações de palavras na língua alemã, nas quais aparece o termo *heilig*, são formuladas de forma diferente em outros idiomas. “*Das Heilige*” não é, portanto, simplesmente compatível: assim, *Heiligabend* [“noite santa”] não é “santa” em outros idiomas, como, p. ex., mostram as expressões Véspera do Natal, *Christmas Eve*, *vigilia di natale* (italiano), *Nochebuena* (espanhol). A expressão alemã “*Es ist mein heiliger Ernst*” equivale ao inglês “*I am very serious*” e, de forma análoga, em outros idiomas; *Heiligenschein* significa em português “nimbo” ou “auréola” (de forma análoga em outros idiomas latinos) e, no inglês, *halo* ou *gloriole*. “*Ein wunderlicher Heiliger*” significa, em espanhol, um *individuo strafalario*, em português, “extravagante”, no italiano, *um bel tipo* ou *uomo bizarro*, etc.

Havia mencionado que, além do alemão, o jogo de palavras *heil/heilig* seria ainda possível em inglês. Assim como no alemão ambas as palavras têm um som semelhante, no inglês *holy* soa de forma semelhante a *whole*. Essa correspondência entre *holy* e *whole* lembra o acima referido significado de *heilig* que, porém, se perdeu na atual linguagem alemã (sendo substituído pela nova palavra *ganz* = “plenamente”): é que, antigamente, o termo *heilig* abrangia também o significado de *heil* no sentido de *ganz* = “tudo, inteiro, intacto, completo” ou também do “*holos*” grego, como, p. ex., em “holocausto”, em que “tudo” é queimado – ou em outras combinações em que se usa o prefixo *holos* na língua portuguesa – que, precisamente, significam totalidade, que nada exclui. Isso se dá também e em especial na Teologia, Ética e Filosofia, quando, p. ex., há referência a uma abordagem ou programa “holístico”.

Esse apanhado sobre os diversos aspectos do termo alemão *heilig* pode ter sido irritante. A multiplicidade dos significados é tão grande que, ao final, a palavra acaba, por assim dizer, abrangendo tudo. Ela é muito

mais complexa do que foram ou são “O Santo” e “O Sagrado”. Como se pode avaliar esse fato e que conseqüências resultam dele para a Teologia e as Ciências da Religião? Antes de entrar nessa questão, antecipo uma reflexão sobre a importância de uma abordagem etimológica.

5 - A oferta tentadora da etimologia

As considerações até agora feitas mostraram pelo menos uma coisa: é impossível definir com clareza “o Sagrado” recorrendo unicamente à história da palavra e à sua etimologia. Será que devemos, portanto, contentar-nos com o cético resultado de que não é possível esperar informações inequívocas da filologia e etimologia? Sobretudo quando, na busca pelo significado do Sagrado, a pesquisa não se dá num único idioma ou em relação à raiz de uma única palavra, mas são levados em conta enunciados e campos semânticos de diversos idiomas – ou seja, quando o fenômeno do Sagrado é pesquisado em perspectiva intercultural e “inter-lingüística”? Sim, não deveria o ceticismo ser levado ainda mais adiante? Não deveria ele desembocar na tese de que não se trata, de forma alguma, do mesmo Sagrado, este que se expressa de forma diferente nos diversos idiomas? E será que realmente é possível, com base em etimologias escolhidas (e é imperioso que se façam escolhas!), concluir que o referido Sagrado tenha “surgido” daquelas experiências às quais as diferentes raízes terminológicas atribuem diferentes designações, como vimos acima?⁹

Apesar dessas perguntas céticas, a etimologia apresenta ofertas tentadoras à Teologia e às Ciências da Religião. Com base na etimologia, defendeu-se e ainda se defende a conclusão de que se trata sempre do mesmo e único Sagrado, apesar de as diferentes línguas o denominarem de forma diferente; a diferença seria meramente exterior. A partir dessa multiplicidade de expressões lingüísticas, induz-se, então, a existência de um só Sagrado, que seria anterior a todas essas designações. Outra oferta da etimologia apresenta-se na concepção segundo a qual uma palavra ou a sua tradução sejam suficientes para a determinação da essência da “coisa”. Palavra e essência são identificadas. Isso ocorre, p. ex., quando se busca legitimar a interpretação “holística” do Sagrado – portanto o *Heiliges* como totalidade, saúde e terapia – através do significado “original” da palavra (alemã).

⁹ Para isso, cf. COLPE, 1993, p. 79s.

6 - O desafio do Sagrado

Em minha opinião, essa utilização da etimologia é problemática. O serviço prestado pela etimologia às Ciências da Religião e à Teologia reside, pelo contrário, no fato de que ela justamente dificulta concepções e esquemas teóricos de abrangência global, apontando para as diversidades e singularidades indiscutíveis e mantendo-as válidas. Nesse sentido, é digno de nota que, em seu clássico *Das Heilige*, Rudolf Otto não tenha tido necessidade de “fundamentações” etimológicas. Para descrever o fenômeno, ele criou a sua própria terminologia (*mysterium fascians, tremendum*, etc.), que não é “derivada” etimologicamente.

Tendo em vista a dificuldade de empregar o Sagrado como categoria universal e exclusiva, lembro as seguintes percepções, evidenciadas pela abordagem etimológica utilizada até o momento.

Das Heilige revela – em especial na tradução portuguesa como *O Sagrado* – uma realidade estranha. Pois esta não permite ser reivindicada como mera categoria cristã ou “abraâmica”. O Sagrado (*sacrum*) justamente não designava, em sua origem, fenômenos da religião cristã, mas exclusivamente de religiões não-cristãs (“pagãs”). Nesse sentido, o emprego da categoria do Sagrado obriga a Teologia cristã (as Ciências da Religião não precisam ser “forçadas” a isso) a abrir-se para o mundo das religiões não-cristãs e a perguntar como se relacionam os seus testemunhos sobre os seus diversos próprios Sagrados com o Sagrado cristão (no sentido de *sanctum*). Dessa forma, O Sagrado praticamente desafia os cristãos a se abrirem ao estranho e aos estranhos.¹⁰

Originalmente, o Sagrado é, como *das Heilige*, um neutro. Não é masculino nem feminino. Dessa forma, o Sagrado resiste à mera identificação com um deus ou uma deusa, ou – como adjetivo – a ser um atributo de uma deusa ou um deus. Como neutro, o Sagrado aponta, ao contrário, para uma realidade religiosa não expressa de forma pessoal. Isto significa que se abre um duplo acesso: por um lado, para religiões que concebem a salvação ou redenção de forma não-pessoal, como as religiões do Oriente, em especial o budismo; abre-se, por outro lado, um acesso para filosofias da religião que evitam um conceito pessoal de Deus, dando prioridade para conceitos neutros como o transcendente ou “aquilo que me diz respeito incondicionalmente”.

¹⁰ Nesse sentido, a tradução portuguesa *O Sagrado* implica um corretivo a Rudolf Otto, que viu unicamente no cristianismo “a mais viva aplicação da ‘categoria do sagrado’ [...] a mais profunda intuição religiosa jamais vista na história da religião”, cf. OTTO, 2007, p. 204.

A etimologia tornou claro que é impossível empregar um único conceito para o fenômeno do Sagrado. Contra isso depõem tanto as modificações perceptíveis no transcorrer da história de uma palavra, quanto a incontável multiplicidade de equivalentes totalmente distintos, que foram e que são empregados nos diversos idiomas. Essa impossibilidade requer – e este é o seu aspecto positivo e produtivo – que nos aproximemos do fenômeno do Sagrado de forma intercultural e interdisciplinar, conscientes de que jamais será possível compreendê-lo, de forma cabal e definitiva, por sua história terminológica e seus equivalentes lingüísticos. Considerando-se que a etimologia sempre se orienta pelo passado (ela dá atenção às origens e à oscilação do sentido de uma palavra), cabe destacar adicionalmente que a interpretação de um fenômeno complexo (como o Sagrado) não se pode limitar unicamente ao passado, necessitando considerar também a sua manifestação nos contextos atuais, observando, inclusive, indícios que possam levar a eventuais redefinições do Sagrado no futuro. Dessa maneira – para além das possibilidades das etimologias – o Sagrado tornar-se-ia uma categoria aberta, como que flexível, que não pode ser fixada definitivamente nem pela Teologia nem pelas Ciências da Religião (também não por Rudolf Otto!), já que contém, por assim dizer, um potencial futurista.

7 - O uso da linguagem rompe as regras¹¹

O Sagrado representa, como dito há pouco, uma categoria flexível, aberta ao futuro. Isso é também válido na medida em que o uso da linguagem, apesar de todos os esforços, não se deixa fixar de forma inequívoca. Tentei mostrar algumas dessas “definições” (determinações dos limites ou das diferenças): a distinção, a partir da etimologia, entre Sagrado (o que, na perspectiva cristã, é estranho) e Santo (o que, na perspectiva cristã, é o próprio), além disso, a diferença entre a transcendência (em Santo) e a imanência (em Sagrado) ou a diferença entre um entendimento neutro e outro pessoal de Sagrado ou Santo. Também seria possível fazer a seguinte diferença entre Sagrado e Santo: o santo caracteriza uma pessoa enquanto que o sagrado, uma coisa.

Uma língua viva e seu uso, porém, não se prendem a tais regras. Ao contrário do que nos ensinam as informações etimológicas extraídas da história terminológica antiga, o que é próprio pode também ser expresso

¹¹ Em relação, sobretudo, a este trecho, devo gratidão ao meu colega Gilberto da Silva, detentor da cadeira de Teologia Histórica na Escola Superior Luterana de Teologia em Oberursel, Alemanha, por uma série de valiosas informações.

por intermédio do que originalmente designava o elemento estranho, como já pôde ser percebido, no início, quando consultamos o “Aurélio”. A seguir, oferecemos exemplos adicionais da quebra desta regra etimológica: Sagrado Coração de Maria, Sagrado Coração de Jesus, Sagrada Eucaristia, hóstia sagrada – todas essas expressões são autodesignações cristãs, em sua maioria católico-romanas. Mas, como foi dito, também esse “resultado” não é inequívoco. Pois ao lado e em contraposição a esse emprego de Sagrado, usa-se o termo, ao mesmo tempo, para designar o que é estranho, como no caso de “o Alcorão Sagrado”. Sagrados podem ser também o céu, o espaço, um manto, um fruto. *Stonehenge* é “o círculo sagrado celta”, etc. Por outro lado, o termo Santo é empregado tanto para o católico “Santo Sudário”, a mortalha de Turim, quanto para o movimento fundado em Rio Branco (Acre), conhecido como (“Igreja” do) Santo Daime. Quanto aos verbos: “consagrar” pode referir-se tanto a uma pessoa como a uma coisa. “Vida sagrada”, no português, não se usa, prefere-se “vida consagrada”; também se usa pedir pela santificação de nossa vida: “Santifica, santifica nossas vidas, ó Senhor” (Hino 298 do hinário da IELB). Finalmente: a música popular transcende soberanamente as delimitações “científicas” dos conceitos, como, p. ex., na canção do cantor Djavan:

Meu bem-querer
É segredo, é sagrado
Está sacramentado¹²
Em meu coração.

Meu bem-querer
Tem um “quê” de pecado
Acariciado pela emoção.
Meu bem-querer, meu encanto
Tô sofrendo tanto!

Amor
E o que é sofrer
Para mim que estou
Jurado prá morrer tanto?

É impossível, portanto, fixar inequívoca e perenemente as diferenças entre Santo e Sagrado. Nossa língua resiste a isso. A língua implode as regras estabelecidas. O que a ciência decompõe (“diferencia”), a linguagem

¹² Lembro-me de uma reportagem sobre um jogo entre o Palmeiras e o Corinthians de São Paulo. O gol decisivo foi comentado assim pelo repórter: “com este gol ele [o jogador] sacramentou a vitória”.

falada faz coincidir; esta forma – como na geometria – as “interseções de dois conjuntos”, ou seja: ela faz com que dois conceitos diferentes (Santo e Sagrado) compartilhem parcialmente as mesmas áreas semânticas.

Mas talvez seja possível, apesar do exposto, estabelecer a seguinte regra – que parte do pressuposto de que normalmente o Sagrado é mais abrangente que o Santo (por isso, reproduzir *Heiliges* por Sagrado é melhor do que traduzi-lo por Santo): “todo santo é sagrado, mas nem todo sagrado é santo”. Porém, também essa regra depende da perspectiva e intenção da pessoa que a estabelece. A linguagem extrapola, sempre de novo, as regras da lingüística, da mesma forma como o *Heiliges*, o Sagrado e o Santo extrapolam as definições das Ciências da Religião (disso tratará a seguinte seção).

Um resultado hermenêutico dessas reflexões, no entanto, pode ser preservado. Ele diz respeito à tese, defendida tanto na lingüística profana quanto em diversas religiões, segundo a qual o texto (*heiliger*, sagrado, santo) fala “por si só”. Contra isso cabe dizer que um texto nunca se encontra isoladamente, só para si; ele foi e continua sendo usado, interpretado, especialmente quando se trata de um texto traduzido. Ou de outra forma: o contexto (em sentido amplo) molda o texto¹³. E, nesse sentido, o “Santo” e o “Sagrado” não constituem conceitos fechados, mas colocam uma questão que, do ponto de vista das Ciências da Religião, necessita ficar em aberto. É sobre isso que vamos discorrer nesta última parte.

8 - O Sagrado como categoria (auto)crítica

Rudolf Otto não foi, de forma alguma, o primeiro nem será o último a destacar o Sagrado como categoria teológica central. Pretendo lembrar o fato fazendo referência a duas obras que, na discussão teológica e das Ciências da Religião, não têm recebido a consideração que merecem.

8.1 William James

Sabe-se que, já a partir de 1912, Nathan Söderblom antecipou importantes percepções de Rudolf Otto¹⁴. Porém, já em 1902, o professor de Harvard, William James (1842-1910), tinha publicado seu livro *The varieties of religious experience*, que, embora estivesse acessível desde então

13 Para esse desafio hermenêutico, veja BRANDT, H. **O encanto da missão**. São Leopoldo: Sinodal, 2006. p. 117-138.

14 Cf. BRANDT, H. *Religionswissenschaft, Ökumene, Mission – ihr Zusammenhang bei Nathan Söderblom*. In: BRANDT, H. **Vom Reiz der Mission**. Neuendettelsau, 2003. p. 235-273.

em várias edições e também nas versões portuguesa e alemã¹⁵, não recebeu a devida atenção nem nas Ciências da Religião nem na Teologia. A razão disso pode residir no fato de James tratar do seu tema de uma forma puramente empírica e psicológica. Por isso, ele evita o conceito transcendente de *Holy/Santo*, dando prioridade ao termo *Holiness/Santidade* para descrever as qualidades religiosas humanas. O que James quer descrever é o que passa na mente de *pessoas* “santas” (também James utiliza *aspas*).

Quando santidade se transforma no caráter pessoal de um ser, quando, portanto, sentimentos religiosos determinam o centro da vida humana, pode-se detectar, de acordo com James, os seguintes traços da santidade (com base em inúmeros estudos psicológicos de casos e registros de diálogos): 1. A consciência de “achar-se numa vida mais ampla do que a dos interessezinhos egoístas deste mundo; e uma convicção, não meramente intelectual, mas, por assim dizer, sensível, da existência de um Poder Ideal”. James acentua que esse poder é, para a piedade cristã, sempre o Deus pessoal, mas que “ideais morais abstratos, utopias cívicas ou patrióticas ou visões internas de santidade ou direito também se podem (sic!) sentir como os verdadeiros senhores e ampliadores da nossa vida”. 2. “Um sentido da continuidade amistosa do poder ideal com a nossa vida, e um abandono solícito ao seu controle”. 3. “Uma alegria e uma liberdade imensas, à proporção que os contornos da individualidade limitadora se derretem”. 4. “Uma transferência do centro emocional para afeições amantes e harmoniosas, na direção do ‘sim, sim’, e para longe do ‘não’ [...]”.

Segundo James, esses quatro elementos fundamentais do caráter humano da santidade levam às seguintes atitudes na vida prática: a) ascese, b) força anímica, c) pureza, d) caridade, sendo todas elas explicadas em detalhes¹⁶.

Em que reside, para o nosso tema, a importância atual dessa antiga obra de William James, de mais de cem anos atrás? Limitar-me-ei a alguns pontos. Primeiro: As primeiras duas frases do terceiro parágrafo do livro afirmam: Eu me antecipo a dizer que “não sou teólogo, nem entendido em história das religiões, nem antropólogo. A psicologia é o único ramo do

15 JAMES, W. **Die religiöse Erfahrung in ihrer Mannigfaltigkeit**. Materialien und Studien zu einer Psychologie und Pathologie des religiösen Lebens. 1. ed., 1907; 4. ed., Leipzig, 1925. Em português: **As variedades da experiência religiosa**: um estudo sobre a natureza humana. São Paulo: Cultrix, 1991. As citações são extraídas da versão portuguesa.

16 Cf. JAMES, 1991, p. 175s. Cf., na obra citada, as conferências XI, XII e XIII sobre “A Santidade” (p. 167-206) e XIV e XV sobre “O valor da Santidade” (p. 207-236).

saber que tenho versado particularmente”.¹⁷ Dessa forma, James dá a conhecer seus pressupostos, o que não costuma ocorrer com muitos cientistas que lidam com o Sagrado. James, ao contrário, deixa claro, desde o início, que ele lida com experiências religiosas, sem representar nenhuma das disciplinas normalmente consideradas competentes para assuntos de religião ou do Sagrado, ou, então, que se reputam (as únicas) responsáveis na referida área. Ele está, portanto, ciente de que percebe as experiências religiosas a partir de fora. Segundo: James limita sua “descrição” a “sentimentos e impulsos religiosos” humanos empiricamente constatáveis¹⁸. E, não obstante, não desiste de colher evidências da certeza religiosa de um poder superior, como fica claro, sobretudo, nos mencionados capítulos sobre a santidade. Com isso, a abordagem puramente psicológica de James representa um posicionamento crítico em múltiplo sentido: ela é crítica tanto em relação a um ideal de ciência profano e positivista, que reduz o ser humano e seus sentimentos (religiosos) ao biológico ou à esfera das ilusões humanas, quanto também em relação a uma forma de Teologia que somente admite entender o Sagrado como atributo de Deus (em contraste com o ser humano “não-sagrado”), quanto, finalmente, também em relação a uma Ciência da Religião que analisa fenômenos religiosos como o Sagrado sem considerar sua dimensão transcendente e, juntamente com outras “ciências da cultura”, rejeita o Sagrado por ser uma construção “teológica”¹⁹.

Dito de forma positiva: James realiza suas pesquisas de forma consciente e sem medo de interferir em disciplinas concorrentes; ele permanece, justamente por citar suas premissas, aberto para os efeitos do Sagrado nas experiências humanas. Ele não teme uma avaliação de certos sentimentos e tendências religiosas, como já manifesta o subtítulo de sua obra, no qual se refere não só à psicologia, mas também à “patologia” das experiências religiosas. Em tudo isso, James antecipou problemas da atual discussão sobre O Sagrado, sendo, em vários aspectos, “mais moderno” que o próprio Rudolf Otto²⁰.

17 JAMES, 1991, p. 16.

18 JAMES, 1991, p. 16.

19 Sobre essa rejeição, cf. meu artigo: BRANDT, H. As ciências da religião numa perspectiva intercultural. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 46, n. 1, p. 122-151, 2006.

20 “Digno de nota, nesta abordagem pragmática (de William James), é a sua abertura não-dogmática e, ligada a esta, a consciência, surgida curiosamente bem cedo, da *pluralidade das experiências religiosas*. Em contraposição a essa abertura pragmática, a pré-compreensão da fenomenologia clássica da religião aparenta ser como que intocável em termos de metafísica”. Assim, GANTKE, W. *Der umstrittene Begriff des Heiligen*. Eine problemorientierte religionswissenschaftliche Untersuchung. Marburg, 1998. p. 192. Ainda hoje, assim Gantke (*ibidem*), há uma contraposição irreconciliável: de um lado, uma abordagem científico-cultural do “Sagrado”, que crê ter que contestar

8.2 Wolfgang Gantke

Depois dessa referência à atualidade de uma obra que surgiu 15 anos antes de *O Sagrado* de Rudolf Otto, seja citada, para encerrar, uma pesquisa atual, da qual eu já usei uma citação na última nota de rodapé. Ela representa nada menos que um escrito programático, orientado no futuro, que rompe as rígidas fronteiras em vigor, dentro das quais a maioria dos participantes na discussão sobre o Sagrado se confronta.

A volumosa obra de Wolfgang Gantke (468 páginas)²¹ interpreta o conceito do Sagrado – ao contrário de todas as pesquisas orientadas no passado – como uma categoria que aponta para o futuro. O título *Der umstrittene Begriff des Heiligen* [O controvertido conceito do Sagrado] não significa unicamente que as recepções da obra de Rudolf Otto e de outros fenomenólogos da religião foram muito controvertidas e ainda o são até hoje²². Gantke, é verdade, descreve essas controvérsias de maneira exaustiva. Mas ele as transcende, uma vez que a categoria do Sagrado, para ele central, fundamenta – assim o subtítulo – “uma pesquisa na área das Ciências da Religião baseada em problemas”. Que significa isso?

Para Gantke, o Sagrado não pode mais ser descrito hoje como uma grandeza fixa, claramente definível. O discurso sobre o Sagrado representa, antes, uma “questão aberta”. Ela não deve ser “concluída”, mas precisa permanecer aberta. Tão logo a pesquisa rompe seus limites lingüísticos e metodológicos e se dá conta das diversas maneiras de falar sobre o Sagrado, ela se depara com o fato de que, em princípio, o Sagrado é “ambíguo”. Pois ambíguos não são apenas os termos que as diferentes línguas empregam. A própria perspectiva intercultural, atualmente “em voga”, reforça essa ambigüidade irreduzível do Sagrado. Com isso, porém, todos os acessos unilaterais e monistas ao fenômeno do Sagrado tornam-se, por assim dizer, porosos, tanto dentro como fora das Ciências da Religião. As pretensões veladas de validade absoluta, presentes tanto nas disciplinas científicas quanto nas opiniões populares, deixam transparecer os seus preconceitos e a sua vinculação aos respectivos contextos, tornando-se, assim, relativas. É

a sua realidade pelo simples fato de poder comprovar, com relativa facilidade, as transformações históricas, culturalmente condicionadas, do conceito “Sagrado”, e, por outro, uma abordagem metafísica e teológica. “É interessante (opina Gantke, *ibidem*) que a teoria da experiência de James, pragmática e não-especulativa, tenha recebido menos atenção nas Ciências da Religião do que a teoria da vivência de Otto, unida que se encontra a muitos pressupostos duvidosos de ordem filosófica e teológica.”

21 Veja as indicações bibliográficas na nota de rodapé anterior.

22 Sobre isso, cf. minha contribuição referida na nota 17.

preciso superar a inimizade entre métodos científicistas e positivistas, de um lado, e orientações em princípios teológicos e ontológicos, de outro. Só então, pegadas do Sagrado haverão de ser encontradas também num mundo dessacralizado e, inversamente, se evidenciarão como problemáticas, p. ex., as afirmações que advogam que o Sagrado não existe ou existe somente dentro da própria religião.

Com esse programa, Gantke senta-se, por assim dizer, “entre todas as cadeiras”. Isso não é muito cômodo. Mas comodidade nunca foi o que fomentou uma ciência “baseada em problemas”²³. Gantke advoga (como cientista da religião!) por uma “transcendência imanente” ou, então, uma “imanência aberta à transcendência”²⁴. Ele a detecta – reportando-se à presença do Sagrado – “aquém da Teologia”, opondo-se, assim, a uma Ciência da Religião que trabalha unicamente de forma empírica e que acredita dever silenciar sobre todo e qualquer elemento transcendental, a fim de não ser confundida com uma Teologia.

O Sagrado será, também no futuro, “um permanente desafio” das Ciências da Religião, justamente em sua ambigüidade, impossível de ser apreendida por meio de definições estreitas. Assim, por um lado, é rejeitada a idealização, metodicamente ingênua, do objetivismo das Ciências da Religião (p. ex., em contraposição à Teologia).²⁵ Por outro lado, é ressaltada a inevitável vinculação da verdade com o seu contexto, em contraposição a todas as opiniões “dominantes”. Independentemente da posição a partir da qual a gente se aproxima do Sagrado, ele nunca poderá ser apreendido de forma total e definitiva, permanecendo sempre, também no futuro, um “resto incompreensível e impenetrável”²⁶. Isso inclui até a possibilidade de que o fenômeno do Sagrado desapareça por completo, ou então, que assuma formas de expressão totalmente novas, nunca antes existentes.

Assim sendo, o Sagrado contém, em diversos sentidos, um potencial crítico (não só) para as Ciências da Religião. Gantke fala de uma “orientação anti-reducionista” de sua pesquisa²⁷. Ela se dirige contra o monopólio das

23 Michael Bergunder julga tratar-se, no estudo de Gantke, de “uma abordagem independente, ao mesmo tempo, porém, um posicionamento de alguém de fora”; BERGUNDER, M. Artigo *Religionsphänomenologie, II. Religionsphilosophisch*. In: **RGG**. 4. ed., v. 7, col. 355.

24 GANTKE, 1998, p. 429.

25 GANTKE, 1998, p. 333s.

26 GANTKE, 1998, p. 345. É por isso que Gantke também pode, p. ex., ter apreço pelo discurso “secular” sobre a “santa natureza”; ele fala do “Sagrado” como “proteção”, sim, como “proteção da natureza”. Gantke interpreta esse discurso como indicativo da “relevância ecológico-religiosa” do “Sagrado”; 1998, p. 362ss.

27 GANTKE, 1998, p. 169.

definições dentro e fora das Ciências da Religião, contra a absolutização irrefletida de métodos europeus ou “ocidentais” que, p. ex., não admitem o pensamento bem diferente das culturas asiáticas, contra o princípio da separação absoluta entre juízos “científicos” e “religiosos”. Dessa forma, não se impede, mas justamente se possibilita uma “multiplicidade de respostas” em relação ao Sagrado²⁸. Nesse processo, porém, o singular “do” próprio Sagrado não é dissolvido numa multiplicidade de Sagrados (o que, no alemão, seria impossível a partir da própria língua). Mesmo que as descrições do caráter do Sagrado devam permanecer “vagas” (também as que dizem respeito à sua interpretação neutra ou pessoal), Gantke e Otto não desistem do propósito de ao menos perguntar por uma unidade dentro dessa pluralidade. Assim entendido, o Sagrado, em seu caráter singular, consegue unificar a diversidade das respostas nas diversas disciplinas. O Sagrado torna-se, dessa forma, inspiração para pesquisas interdisciplinares e interculturais, mesmo que, em princípio, ele não permita ser observado e analisado em caráter definitivo.

Para Gantke, uma tal aproximação ao Sagrado, porém, só pode acontecer na medida em que *não* se contraponha racionalismo a irracionalismo, objetivismo a subjetivismo, sociologismo a psicologismo, também não um definido Sagrado a um definido profano²⁹. Ora, foi justamente isso que aconteceu na discussão tradicional sobre o Sagrado, em Rudolf Otto e seus sucessores. Na atualidade, porém, exige-se o fim da prepotência científica “ocidental” ou “setentrional”. Ela deve ser substituída por uma modéstia capaz de perceber o condicionamento histórico da própria posição e, da mesma forma, os limites estabelecidos pela vinculação ao próprio contexto. Para Gantke, uma Ciência da Religião baseada em problemas torna consciente a relatividade dos próprios métodos e juízos. Para que as Ciências da Religião e a Teologia possam aproximar-se do Sagrado como realidade intercultural, é preciso que, antes, os pressupostos e as idéias preconcebidas reinantes sejam colocados às claras.

Em outras palavras, trata-se de uma mudança de perspectivas: o Sagrado não depende da Ciência (das Religiões), mas esta é dependente do Sagrado. Este “totalmente outro” é independente de todos os nossos ideais e conceitos de sentido. Por isso “*não pode haver um conceito inequívoco do Sagrado*”³⁰. Preservar essa independência do Sagrado – que pode

28 GANTKE, 1998, p. 279.

29 GANTKE, 1998, p. 276.

30 GANTKE, 1998, p. 419.

manifestar-se tanto pessoal quanto impessoalmente – de todas as tentativas de interpretação humanas seria uma condição e tarefa das Ciências da Religião no futuro³¹.

9 - No final: um desejo

Chegando ao final, poder-se-ia dizer: tanto a obra de William James quanto a de Rudolf Otto e, finalmente, também a de Wolfgang Gantke retratam o caráter pessoal e – também – as posições historicamente condicionadas desses pesquisadores. Minha esperança é que as futuras discussões sobre o Sagrado na América Latina sejam estimuladas – por essas interpretações, talvez um tanto estranhas, e também pelas diferentes etimologias – a descobrir o que é próprio no estranho e, no próprio, o que é estranho. Que sejam estimuladas, acima de tudo, porém, a descobrir as pegadas não-deduzíveis e especificamente latino-americanas do Sagrado, a fim de enriquecer, dessa maneira, o discurso intercultural e (quem sabe?), inclusive, corrigindo-o³².

Tradução: Uwe Wegner
Revisão: Nelson Kilpp

31 Esse princípio de abordagem poderia, no entanto, ser considerado problemático se requeresse a inclusão de todas as tradições, contextos, religiões e filosofias além de todas as pegadas do Sagrado no mundo “não-religioso”. Uma só pessoa estaria completamente sobrecarregada com esse programa. Mas, para Gantke, também esse reconhecimento é uma condição para uma Ciência da Religião “baseada em problemas”, que é como ele a exige.

32 Nesse sentido, remeto às perspectivas latino-americanas indicadas por Oneide Bobsin em seu “Prefácio à edição brasileira” de *O Sagrado*, cf. Otto, 2007, p. 19-22.